Praças que fazem as cidades

Jorge Pinto · 17.11.2026

POLÍTICA · SOCIEDADE · ECONOMIA

Graças às acampadas voltamos a ter praças de cidadania. Daquelas que, compostas por cidadãos, fazem as cidades que temos de ser capazes de construir. E isso é uma enorme vitória.

Foi há pouco mais de um mês que as primeiras tendas começaram a surgir nas praças do nosso país. Primeiro no Porto, logo em Lisboa, dezenas de pessoas acampavam simbolicamente no coração das nossas cidades, mostrando ao país que há uma toda uma geração que não se resigna com o futuro a que a querem condenar. O que pediam era o básico, o direito a uma casa digna que consigam pagar, e o que aconteceu a seguir é sabido: cargas policiais de uma violência tão desproporcional e brutal que o país se uniu em defesa destes ativistas.

> Este desconforto das direitas não surpreende. Relembremos que uma das razões destas manifestações é a nefasta lei das rendas que passou na Assembleia da República na generalidade graças aos votos da *troika* dos despejos – AD, Iniciativa e Chega.

As acampadas – termo que será, com toda a probabilidade, a palavra deste ano de 2026 – resistiram e colocaram no centro do debate político aquela que é uma das grandes urgências do país. As reações políticas falam por si. Se a esquerda esteve maioritariamente ao lado destes cidadãos, da direita sobraram ameaças e apelos à violência, «encostem-nos à parede» gritavam histericamente alguns deputados do Chega, ou uma tentativa de caricatura dos manifestantes feita pelo PSD e CDS, mais preocupados com a cor do cabelo do que com a falta de habitação dos manifestantes. Da Iniciativa, fica cada vez mais claro o porquê do termo «liberal» ter caído do nome, com um quase silêncio sobre a violência policial.

Este desconforto das direitas não surpreende. Relembremos que uma das razões destas manifestações é a nefasta lei das rendas que passou na Assembleia da República na generalidade graças aos votos da *troika* dos despejos – AD, Iniciativa e Chega. Confrontadas com as acampadas, as direitas são obrigadas a vir a jogo e a assumir as suas posições. Por si só, essa teria já sido uma grande vitória das acampadas e das manifestações, mas há mais a tirar destas ações.

Em primeiro lugar, as acampadas mostraram que nenhum futuro está escrito nas estrelas e que o futuro será mesmo o que quisermos que seja. Depois de anos em que a agenda mediática foi marcada pela extrema-direita, as acampadas vieram provar que há outro caminho, que falando dos problemas que afetam verdadeiramente as pessoas também se consegue marcar agenda e sem necessidade de abdicar

de qualquer princípio ou convicção. Esta é uma grande lição para a esquerda, demasiadas vezes entretida com o seu próprio pessimismo. Depois de anos na defensiva, este é o momento de passarmos ao ataque e as acampadas dão pistas sobre como o fazer.

Em segundo lugar, as praças onde as acampadas se foram instalando tornaram-se centros comunitários. Tive a oportunidade de o ver ao vivo no Porto e em Lisboa, grupos extremamente bem organizados, preparando dezenas, centenas de refeições diárias, locais de convívio, de auxílio mútuo, de aprendizagem e partilha. Mais, a música, a cultura, o cuidado das crianças foi desde a primeira hora uma presença permanente nas acampadas. Como se, de repente, aquilo que é essencial nas nossas vidas voltasse a ter a centralidade que lhe falta tantas vezes.

> O contraste é claro: de um lado, o usufruto comercial do espaço público; do outro, a cidadania auto-organizada, viva e dando vida ao espaço comum.

Por fim, tudo isto foi feito no espaço público, aberto à cidadania, nas praças centrais das cidades. Podendo parecer irrelevante, estes locais são extremamente simbólicos. Não apenas porque, sendo centrais, são locais mais visíveis, mas porque recuperam o espaço público enquanto espaço de cidadania. Esse espaço público que se tornou frio, distante, pouco frequentado por uma parte da população que se fecha cada vez mais em bairros ricos e para quem o espaço público é apenas lugar de passagem fugidia. Praças vazias de cidadãos que refletem uma sociedade cada vez mais fragmentada e uma elite cada vez mais distante da maioria da população e com dificuldade em sequer entender os seus problemas.

Um espaço público transformado sempre que possível em lugar de consumo e não de cidadania. Atentemos aos usos previstos para a praça D. João I no Porto e a Praça do Rossio em Lisboa. No Porto, a vontade de instalar uma pista de patinagem no gelo, em Lisboa, um *Christmas Market* com regras de utilização do espaço público tão estapafúrdias que acabariam por ser retiradas. O contraste é claro: de um lado, o usufruto comercial do espaço público; do outro, a cidadania auto-organizada, viva e dando vida ao espaço comum.

Graças às acampadas voltamos a ter praças de cidadania. Daquelas que, compostas por cidadãos, fazem as cidades que temos de ser capazes de construir. E isso é uma enorme vitória.
